

Carta escrita pela jornalista e crítica de arte Luiza Kiefer, convidada pelo artista como parte do projeto "A última aventura"

Brasil, Setembro, 2013

Essa noite, não dormi muito. O calor escaldante em plena noite de primavera, final de inverno, me manteve acordada. Não gosto quando faz colar na época do frio. Não gosto de color. Fiquei acordada pensando no calor no Norte. Não conheço nada mais para cima do que Porto Seguro.

Nem nada mais para o Oeste do que Brasília. A tua última aventura me transportou. Dai em não ter quase pregado os olhos essa noite. O calor daqui me fazia pensar no calor de lá. Minhas memórias de solidão se misturavam a minha lembrança das ruas fotos. Comecei a pensar em todos lugares quase abandonados e nesse sonho de um Brasil mais próspero. Há uma presença muito forte em cada imagem, ainda que silenciosa. Já todo um Brasil que aí esta, como o fizeram, como o que sonharam, e que, pela distância ou pela história, esquecemos. Queremos esquecer. Todo este Norte foi (mais) habitado durante a Ditadura Militar. As propagandas desenvolvimentistas da época prometiam um sonho de futuro. Hoje, lembramos com ima certa cara de gosto ruim, um mal estar.

Entrar na tua aventura, penso agora, é, para mim, um pouco como entrar em uma primeira aventura. Estes lugares que tu revelas, me parecem tão áridos, tão sós, tão distantes. Não há personagens, não há gente. Apenas memória, marcas, lugares, cores, espaços, pertences. Essas pessoas que foram para o Norte, para Amazônia, Pará, Paraíba, foram com a esperança de um futuro, ou melhor, de um novo futuro, um novo começo, Uma terra fértil aguardava. Para lá também foi o magnata da indústria automobilística, Henry Ford. Ele também acreditava que lá teriam terras férteis, capazes de produzir borracha suficiente para os seus pneus.

Penso agora como o progresso, ou eu deveria escrever entre aspas, "progresso", chegou rasganda - para usar uma palavra das reportagens da época - essa terra distante. Como se tivesse passado por cima do que ali já estava. Talvez por que ali não estivesse quase nada? A abertura da Rod. Transamazônica rasgou a paisagem, criando estes lugares, deixando estas marcas. São essas marcas, das utopias perdidas, dos sonhos esquecidos, que tu encontras e nos revela. Nessas marcas que eu pensava de madrugada, tentando dormir.

É como se eu descobrisse um norte. Um novo Norte para imaginar. Vejo um norte pela primeira vez. Descubro não só uma história, mas descobro memórias. Minhas, deles, tuas. Como és grande, patria amada, Brasil! Como guardas segredos. Como tens coisas a descobrir. E hoje, nessa, noite sem dormir, através das tuas fotos, descobro esses país (Te descobro, Brasil). Um Brasil utópico. Mas, dono de uma utopia que preferimos manter no esquecimento. Utopia progressista de um governo autoritário, que se trouxe certo progresso, também lhe rendeu uma de suas piores lembranças,

Vejo a tua linda aventura e penso nesse tempo de Ditadura. Vejo a tua linda aventura e penso na história, em histórias. Penso nas pessoas que ai foram viver as suas grandes aventuras. Quantas delas esperavam um futuro melhor? Quantas delas estavam indo viveram as suas primeiras aventuras? Quantas viveram as suas últimas aventuras?

Quando a Transamazônica encontrar a rodovia que vem de Lima, o continente estará ligado de costa a costa. Belém, Manaus e Santarém seriam os mais importantes portos de uma estrada que nunca foi concluída. Quantos sonhos perdidos? Mas, eu queria te dizer: a tua Última aventura dá a vida a esses sonhos. O teu olhar transforma esses lugares em imagem e as imagens se tornam novas memórias. A tua última aventura me fala das tuas travessias, das tuas utopias.

Lost Utopia. Nestas cenas, a cor revela um tempo opaco, uma tinta de parede descascada, ou os azulejos coloridos de uma piscina. Um dia esses lugares foram habitados, um dia foram importantes, um dia acreditaram que seriam mais, mas só restaram as memórias das últimas aventuras.

A tua última aventura é, na verdade, um início. Começa onde acaba a utopia daquelas. A tua aventura começa onde ainda é possível viver e sonhas com outras utopias possíveis, mesmo que elas contenham algo de artificial. Onde é possível retornar a um lugar árido e lhe dar cores. Onde é possível retornar a um lugar vazio e habitá-lo novamente.

Com carinho, Luisa Kiefer